

A NAVE DOS MALDITOS

193 fragmentos de CIORAN

Tradução e Organização: Ezio Flavio Bazzo
Novos Tempos Editora - Outubro de 1986

Em lugar do prólogo

“...Urrà! Non più contatti com questa terra immonda!
lo me ne stacco alfine, ed agilmente volo sull'inebbriante fiume degli astri
che si gonfia in piena nel fran letto celeste!”

Marinetti

Quando me caíram nas mãos os primeiros livros de E. M. Cioran, publicados na Espanha pela Editora Taurus, resisti em acreditar que pudesse existir um contemporâneo, vivendo num bairro de Paris, tão ou mais lúcido e irreverente que F. Nietzsche. Minha resistência não estava fundamentada apenas na descrença natural de fanatismo que, com o tempo, os estudiosos e os leitores do ilustre filólogo alemão acabam sofrendo. Até um dia antes de conhecer o livro BREVIÁRIO DE PODREDUMBRE de Cioran, Nietzsche ocupava o primeiro lugar em minha mitologia acadêmica, anárquica e filosófica. Um dia depois, teve que dividir seu pedestal com o pensador romeno e, dois dias depois, passar ao canto dos visivelmente ofuscados. Acabava de acontecer com Nietzsche o que anteriormente havia acontecido com meu querido Diógenes, com meu carrancudo Schopenhauer e outros... e o que, provavelmente, venha acontecer amanhã com o próprio Cioran, esse furacão sem limites que, não sei de onde nem como, arranca tanto saber para, como num passe de magia, dizer do **homem** e do **ser** exatamente o que ele é.

A obra de Cioran, que hoje é considerado um dos maiores pensadores da França, explora (09)¹ ardente e assustadoramente todos os “pontos negros” da existência, deslizando com ironia pelos abismos do niilismo, da farsa e das sombras sob as quais, os homens, frágeis e abandonados, tentam ocultar-se. O suicídio, o ridículo da história, a condição cômica do amor, a armadilha do teísmo, a solidão, o desgaste irremediável da vida, o messianismo, a literatura, a poesia e a morte, são alguns dos temas sobre os quais brada com mais arrogância e com maior sabedoria sua espada. Cioran é aquilo que bem disse Fernando Savater: “um exilado obsedado pelo exílio, um céptico possuído pelo cepticismo, um frenético do desapego, que mistura em seu sangue perturbado a nostalgia pagã pelos deuses mortos e a repulsão gnóstica pela ‘Aciago Demiurgo’ que caiu na tentação de **criar**. A ilusão de poder transcender todas as ilusões o atormenta”. Cioran nasceu no dia 8 de abril de 1911 na cidade de Rasinari, Romênia. De 1920 a 1928 estudou no colégio Sibiu. De 1929 a 1931, na Faculdade de Letras de Bucareste, onde se licenciou em 1932, apresentando um trabalho sobre Bérgrson e em 1936 é professor Catedrático de filosofia nesta mesma Faculdade. Em 1937, vai a Paris como bolsista do Instituto Francês de Bucareste e permanece na França até hoje, convicto de que a condição de apátrida é a melhor possível para um intelectual.

Pensando em proporcionar aos leitores um breve “perfil” deste filósofo, é que faço aqui a tradução e recopilação de alguns “meteoros” de seu pensamento, convertendo fragmentos de sua obra em aforismos que são, para mim, e talvez para quem os leia, nada mais nada menos que um **Show de Lucidez**.

Ezio Flavio Bazzo
20 de setembro de 1986 (10)

¹ Os números em negrito que estão entre parênteses fazem referência à paginação original do livro.

1

Mestres na arte de pensar contra si mesmos, Nietzsche, Baudelaire e Dostoievski nos ensinaram a apostar em nossos perigos, a ampliar a esfera de nossos males e a adquirir existência pela divisão de nosso ser.

2

Que pulular de falsos “liberados” que nos olham desde o alto de sua salvação!

3

Entre tanta mentira e tanta fraude é reconfortante contemplar um mendigo. Ele, pelo menos, não mente nem se engana: sua doutrina, se é que a tem, a encarna ele mesmo; não gosta do trabalho e o prova. Como não deseja possuir nada, cultiva seu desprendimento, condição de sua liberdade. Seu pensamento se resolve em seu **ser** e seu **ser** é seu pensamento. Sua preguiça, de uma rara qualidade, faz dele um autêntico “liberado”, perdido em um mundo de bobos e enganados. Sobre a renúncia, sabe muito mais que numerosas de vossas obras esotéricas. Para convencer-vos, basta atirar-vos à rua... Mas, não! Preferis os textos que preconizam a mendicância. (13)

4

Não existe diferença alguma entre os sonhos de um açougueiro e os de um poeta.

5

E mesmo dando mil vezes razão a Lao Tsé, assim mesmo compreendo melhor um assassino. Entre a serenidade e o sangue, o natural é inclinar-se para o sangue. O assassino supõe e coroa a rebelião: quem ignora o desejo de matar, por mais que professe opiniões subversivas, sempre será um conformista.

6

O TAO-TE-KIN vai mais longe que **Une saison en enfer** ou **Ecce Homo**. Mas Lao Tsé não nos propõe nenhuma perplexidade, enquanto que Rimbaud e Nietzsche, acrobatas que se contorcem no ponto extremo de si mesmos, nos convidam a seus perigos. Só nos seduzem os espíritos que se destruíram por haver querido dar um sentido a suas vidas.

7

Sofrer: única modalidade de adquirir a sensação de existir. Existir: única forma de

salvaguardar nossa perdição.

8

As rugas de uma nação são tão visíveis como as de um indivíduo! (14)

9

Nenhuma pessoa preocupada com seu equilíbrio deveria ir além de um certo grau de lucidez e análise.

10

Os que não encontraram resposta para nada suportam melhor os efeitos da tirania que aqueles que encontraram resposta para tudo. E por isso que, para morrer, os diletantes armam menos escândalo que os fanáticos.

11

Hoje, como outrora, os espíritos necessitam de uma verdade simples, uma resposta que os livres de suas interrogações, um evangelho, um túmulo.

12

São numerosos os que se dispõem a venerar qualquer ídolo e a servir a qualquer verdade, sempre que uma e outra lhes sejam impostas e que não tenham que eleger sua vergonha ou seu desastre.

13

É o louco que existe em nós quem nos obriga à aventura, se nos abandona, estamos perdidos: tudo depende dele, inclusive nossa vida vegetativa; é ele quem nos convida a respirar, quem nos obriga a tal, e é também ele quem empurra o sangue por nossas veias. Se ele se retirasse, ficaríamos sós! Não se pode ser normal e vivo ao mesmo tempo. (15)

14

O PARAISO: nostalgia de um mundo sem “ideal” de uma agonia sem doutrina, de uma eternidade sem vida. Mas não poderíamos existir um só instante sem enganar-nos: o profeta em cada um de nós é o vestígio da loucura que nos faz progredir em nosso vazio. O homem idealmente lúcido, logo, idealmente normal, não deveria ter nenhum recurso fora do **nada** que está nele...

15

Não existe nobreza a não ser na negação da existência, no sorriso que

domina paisagens aniquiladas. (Em outros tempos, tive um “ego”, agora não sou mais que um objeto. Atraco-me a todas as drogas da solidão, as do mundo foram muito débeis para fazer-me esquecer. Tendo matado em mim o profeta, como conservarei agora um lugar entre os homens?).

16

Todo absoluto – pessoal ou abstrato – é uma forma de escamotear os problemas, e não apenas os problemas, mas também sua raiz, que não é outra coisa mais que um pânico dos sentidos.

17

Porque não repousa sobre nada, porque carece até mesmo da sombra de um argumento, é por isso que perseveramos na vida. A morte é exata em demasia; todas as razões se encontram de seu lado. Misteriosa para nossos instintos, se configura diante de nossas reflexões, límpida, sem prestígios e sem os falsos atrativos do desconhecido (16). À força de acumular mistérios nulos e de monopolizar o “sensentido”, a vida inspira mais espanto que a morte: é ela a grande desconhecida.

18

Aqueles que não se entregaram às voluptuosidades da angústia, que não saborearam em pensamento os perigos da própria extinção nem experimentaram aniquilamentos cruéis e doces, esses não se curarão, jamais, da obsessão da morte: serão atormentados por ela, experto na disciplina do horror e meditando em sua podridão, se reduziu deliberadamente a cinzas, esse poderá olhar para o passado da morte e, ele mesmo, não será mais que um ressuscitado que já não pode viver. Seu método o curou da vida e da morte.

19

Tenho me odiado em todos os objetos de meu ódio, tenho imaginado milagres de aniquilamento, tenho pulverizado minhas horas e experimentado as gangrenas do intelecto. Instrumento ou método em um princípio, o cepticismo acabou por instalar-se em mim, a ser minha fisiologia, o destino de meu corpo, meu princípio visceral, o mal do qual não sei como curar-me nem como perecer.

20

Longe de mim o desejo de perverter

tuas esperanças: a vida se encarregará disso. Como todo mundo, irás de decepção em decepção. Com tua idade tive a vantagem de ter gente que me desiludiu e que me fez enrubescer de minhas ilusões; eles me educaram realmente. (17)

21

A VERDADE? Um passatempo de adolescente ou um sintoma de senilidade. Entretanto, por um resto de nostalgia ou por uma necessidade de escravidão, sigo buscando-a, inconscientemente, estupidamente. Um momento de descuido é suficiente para cair de novo sob o império do mais antigo e irrisório dos preconceitos.

22

POESIA? Esta palavra que simplesmente com sua presença me fazia, antigamente, imaginar mil universos, não desperta agora em meu espírito mais que uma visão de resmungos e de nulidade.

23

Ignoro se é legítimo falar do fim do homem, mas estou seguro da queda de todas as ficções em que temos vivido até agora.

24

O homem me atrai e me espanta, amo-o e odeio-o com uma veemência que me condena à passividade.

25

Todo solitário, dizia a mim mesmo, é suspeito; um ser puro não se isola. Para desejar a intimidade de uma cela é necessário ter a consciência pesada, é necessário ter medo de sua consciência. (18)

26

O vírus da prosa é desarticulado e arruinado pelo estilo poético: uma prosa poética é uma prosa enferma.

27

Que existe de mais plebeu que um sentimento?

28

Para produzir uma obra “perfeita” é necessário saber esperar, viver no interior desta obra até que ela chegue a suplantar o universo.

29

Só o artista duvidoso parte da arte; o artista verdadeiro arranca sua matéria de outra parte: de si mesmo.

30

E o melhor que o artista produz são suas idéias sobre o que poderia ter realizado. Converte-se em seu próprio crítico, vulgarmente, em seu próprio psicólogo. O “sentido psicológico”, nossa maior aquisição, nos metamorfoseou em espectadores de nós mesmos. Mas se transcendemos a psicologia, toda nossa “vida interior” nos parece uma meteorologia efetiva cujas variações não comportam nenhum significado.

31

O “ego” constitui um privilégio somente daqueles que não vão ao fundo de si mesmos. (19)

32

A NOVELA? É uma proibição ao estalido de nossas aparências, o ponto mais longínquo de nossas origens, artifício para escamotear nossos autênticos problemas, tela que se interpõe entre nossas realidades primordiais e nossas ficções psicológicas.

33

Que a literatura está condenada a desaparecer, é possível e inclusive desejável. Para que serve a farsa de nossas interrogações, de nossos problemas, de nossas ansiedades?

34

Se quase todos os mistérios tiveram conflitos com a Igreja, é porque tinham talento em demasia; a Igreja não exige nenhum, não reclamam nada além da obediência e da submissão ao seu estilo. Em nome de um verbo esclerosado, levanta suas fogueiras.

35

O poeta é um místico que, por não poder elevar-se à volúpia do silêncio, limita-se à volúpia da palavra. Um charlatão de qualidade, um charlatão superior.

36

Nosso sangue é morno demais e nossos apetites demasiadamente domados. Não temos nenhuma possibilidade de ir além de nós mesmos. Até mesmo nossa loucura é exageradamente medida e controlada. (21)

37

Pobres criaturas que não conseguem ter a coragem de chegar a ser únicas, de converter-se em monstros!

38

A SANTIDADE, inspiração ininterrupta, é a arte de deixar-se morrer de fome sem... morrer, um desafio às entranhas e uma espécie de demonstração da incompatibilidade entre o êxtase e a digestão.

39

Não é o sofrimento o que libera, e sim o desejo de sofrer.

40

Enfermos, não sabemos que fazer com nossos males. Mais de uma de nossas loucuras ficará para sempre sem ser usada.

41

EPICURO, esse teórico da felicidade, era um enfermo: vomitava, segundo parece, duas vezes por dia.

42

SÃO PAULO, suas considerações sobre a virgindade, à abstinência e o matrimônio são simplesmente asquerosas. Responsável por nossos preconceitos em religião e em moral, fixou as normas da estupidez e multiplicou as restrições que ainda paralisam nossos instintos. (22)

43

Examinai de perto as famosas Epístolas: não descobrirei nelas nenhum momento de cansaço e de delicadeza, de recolhimento e de distinção; tudo nelas é furor, gritos, histeria de baixa qualidade, incompreensão pelo conhecimento, pela solidão do conhecimento. Intermediários por todas as partes, laços de parentesco, um espírito familiar: Pai, mãe, filhos, anjos, santos, nem rastros de intelectualidade, nenhum conceito definido, ninguém que queira compreender. Pecados, recompensas, contabilidade dos vícios e das virtudes. Uma religião sem interrogações: uma orgia de antropomorfismo. O Deus que nos propões me faz enrubescer; desqualificá-lo constitui um dever; no ponto em que chegou, está perdido de todas as formas.

44

Como meditar se se tem que referir tudo a um indivíduo... supremo? Com salmos

e com orações não se busca nada, não se descobre nada. Só por preguiça se personaliza a divindade ou se implora por ela. Os gregos despertaram para a filosofia no momento em que os deuses lhe pareceram insuficientes: o conceito começa onde acaba o Olimpo. Pensar é deixar de venerar, é rebelar-se contra o mistério e proclamar sua falácia.

45

Esses maníacos do rigor querem saber o que se autor pensava da eternidade e da morte. O que pensava? Qualquer coisa. São experiências suas, pessoais e absolutas. (23)

46

Conceber apenas um pensamento, apenas um único pensamento, mas que fizesse o Universo estalar em pedaços.

47

O que é a descontinuidade? O cansaço de toda lógica formal e fundamentada, é a obsessão pulverizada, o horror ao sistema, horror à insistência e à duração de uma idéia.

48

Saibas que não destruo nada: apenas anoto, anoto o eminente, a sede de um mundo que se anula e que, sobre a ruína de suas evidências, corre em direção ao insólito e ao incomensurável, em direção a um estilo espasmódico.

49

O hábito de pensar com método, de especular filosoficamente, é o índice de uma insuficiência vital e de um comprometimento da afetividade. Só pensam com método os que, a favor de suas deficiências, conseguem esquecer de si mesmos e já não formam corpo com suas idéias: a **filosofia**, privilégio de indivíduos e povos biologicamente superficiais.

50

Quanto mais perigos corre um espírito, mais experimenta a necessidade de parecer superficial, de simular um ar de frivolidade e de multiplicar os mal-entendidos sobre ele. (24)

51

Já que tudo o que se tem concebido

ou empreendido a partir de Adão é suspeito, perigoso ou inútil, que fazer? “Negar” a espécie? Isso seria esquecer que nunca se é tão homem como quanto se lamenta sê-lo.

52

O paraíso é a ausência do homem.

53

Em si mesma toda idéia é neutra ou, pelo menos, deveria sê-lo; mas o homem a anima, projeta nela suas paixões e suas demências; impura, transformada em crença, insere-se no tempo e toa aspecto de sucesso: o passo da lógica à epilepsia foi dado... Assim é que nascem as ideologias, as doutrinas e as farsas sangrentas.

54

Se não fosse pela ameaça de morrer – de fome, de tédio ou por uma punhalada – poucas ações executaríamos. Talvez a única vantagem da lucidez seja, como contrapartida às dificuldades que promove para a vida, levantar grandes obstáculos para a morte. O verdadeiro céptico nunca se suicida: porque matar-se é um autêntico ato de fé.

55

Quem não pode tomar partido, porque todos os homens têm necessariamente razão ao mesmo tempo em que não a tem, ou porque tudo está justificado e é injustificável ao mesmo tempo, esse deve renunciar a seu próprio nome, pisotear (25) sua identidade e recomeçar uma vida nova, na impassividade ou no desespero.

56

Basta-me ouvir alguém falar “sinceramente” de **ideal**, de **porvir**, de **filosofia**, ouvi-lo dizer **NÓS** com inflexão de segurança, considero meu inimigo, porque vejo nele um tirano falido, um verdugo tão odioso como os tiranos e verdugos de alta classe... Pois, os que crêem em suas verdades deixam atrás de si um solo semeado de cadáveres.

57

Carecer de convicções a respeito dos homens e de si mesmo, este é o elevado ensinamento da prostituição, essa academia ambulante de lucidez, à margem da sociedade, como a filosofia.

58

Criador de valores, o homem é um ser delirante por excelência; escravo da crença de que **algo** existe, quando é suficiente reter a respiração para que tudo se detenha; suspender as emoções para que já nada se estremeça; suprimir seus caprichos para que tudo se torne opaco. A realidade é uma criação de nossos excessos, de nossas travessuras e, essencialmente, de nossa loucura.

59

A injustiça governa o universo. Tudo o que nele se constrói, tudo o que nele se desfaz, leva a marca de uma fragilidade imunda, como se a matéria fosse o fruto de um escândalo no seio do nada. Cada ser se nutre da agonia de outro ser: os instantes se precipitam como vampiros sobre (26) a anemia do tempo; o mundo é um receptáculo de soluços.

60

A vida não poderia tolerar um sentido, um fim preciso, uma direção: é precisamente sua sagrada inconsistência o que a torna tolerável.

61

Guardamos no mais profundo de nosso **ser** uma convicção superior a todas as outras: a vida não tem sentido, não pode tê-lo. Nós nos matariamos de imediato se uma revelação inesperada nos convencesse do contrário. Se desaparecesse o ar, seguiríamos respirando, mas nos afogariamos irremediavelmente se nos privassem da alegria da mediocridade e da alienação.

62

Hoje, citar Deus de qualquer maneira, seja em tom nostálgico, aprobatório ou aniquilador, contagia de imediato o texto que se escreve com uma nota de pueridade.

63

Se eu acreditasse em Deus, minha indiferença não conheceria limites: passearia completamente nu pelas avenidas.

64

O mais freqüente é que nos apeguemos a Deus para vingar-nos da vida, para castigá-la, mostrando-lhe que podemos passar dela para algo melhor. E nos apegariamos a Deus por horror aos homens,

como medida de represália (27) contra eles, por desejo de fazê-los compreender que, recebendo nossos ingressos de outra parte, sua sociedade não nos é indispensável e que se nos ajoelhamos diante **DELE** é para não ter que nos ajoelhar diante deles. Sem esse elemento mesquinho, turvo e canalha, faltariam energias a nosso fervor e a idéia de Deus não seria mais que uma piada.

65

É religioso tudo aquilo que nos impede de sucumbir, toda mentira que nos protege conta nossas irrespiráveis certezas.

66

É impossível defender a história, É necessário reagir diante dela com inflexível abulia do cínico; ou, então, colocar-se do lado de todo o mundo e marchar com a turba dos rebeldes, dos assassinos e dos crentes.

67

Existe mais honra e rigor nas chamadas “ciências ocultas” que nas filosofias que pretendem dar um **sentido** à história.

68

É demasiadamente tarde para a humanidade de emancipar-se da ilusão do **ato**, é, sobretudo, demasiadamente tarde para que consiga elevar-se à santidade do **ócio**. (29)

69

QUERER significa manter-se a qualquer preço em um estado de exasperação e de febre.

70

Só se suicidam os otimistas, os otimistas que já não podem sê-lo. Os outros, ao não ter nenhuma razão para viver, por que haveriam de tê-la para morrer?

71

Pensar que vamos nos suicidar faz muito bem à “alma”. Não existe tema de pensamento mais tranqüilizador: enquanto o abordarmos, podemos respirar. Meditar sobre ele é liberar quase como o próprio ato. A vida vista através do prisma do suicídio, adquire sua cor justa e sua importância verdadeira.

72

Não existe paraíso a não ser no mais

profundo de nosso **ser**, no **EU** do **EU**; mesmo assim, para encontrá-lo, é necessário ter percorrido todos os paraísos, os passados e os possíveis, havê-los amado e odiado com a estupidez do fanatismo, analisado e repudiado depois, com a competência da decepção. Pode-se dizer que substituímos uma fantasma por outro, que as fábulas da **idade de Outro valem tanto como o eterno presente** com que sonhamos e que o EU original, fundamento de nossas esperanças, evoca o vazio e, depois de tudo, se reduz ao nada. Admitamos! Mas um vazio que dispensa a plenitude, não contém, por acaso, mais realidade que a que possui a história em seu conjunto?

73

A história não é mais que um desfile de falsos absolutos, uma sucessão de templos elevados a pretextos, uma prostituição do espírito **(30)** diante do improvável. Inclusive quando se afasta da religião, o homem permanece sujeito a ela, esgotando-se para forjar simulacros de deus, os adota, depois, febrilmente: sua necessidade de ficção e de mitologia triunfa sobre a evidência e o ridículo. Sua capacidade de adorar é responsável por todos seus crimes: aquele que ama indevidamente a um Deus, obriga os outros a amá-lo, e está pronto para exterminá-los se se recusam.

74

Patíbulos, calabouços e masmorras prosperam sempre a sombra de uma fé, dessa necessidade de **crer** que infestou o espírito para sempre.

75

Um ser possuído por uma crença e que não buscasse comunicá-la a outros é um fenômeno estranho na terra, onde a obsessão da salvação torna a vida irrespirável. Olhai ao redor: por todos os lados larvas que predicam; cada instituição traduz uma missão; as prefeituras têm seu absoluto como os templos; a administração, seus regulamentos, metafísica para uso de macacos. Todos se esforçam a remediar a vida de todos: aspiram a isso até os mendigos, inclusive os incuráveis: as calçadas do mundo e os hospitais estão repletos de reformadores. A ânsia de chegar ser **fonte de sucessos** atua sobre cada um como uma desordem mental ou uma

maldição eleita. A sociedade é um inferno de salvadores. O que buscava Diógenes com sua lanterna era um indiferente...

76

O fanático é incorruptível: mata-se por uma idéia, pode, igualmente, fazer-se matar por ela; **(31)** nos dois casos, tirano ou mártir, é um monstro. Não existem seres mais perigosos que aqueles que sofreram por uma crença: os grandes perseguidores são recrutados entre os mártires, entre aqueles a quem não se cortou a cabeça.

77

A vida em comum se faz intolerável e a vida consigo mesmo mais intolerável ainda. Quando não se intervém nos assuntos dos outros, se está tão inquieto com os próprios que se converte o "ego" em religião ou, apóstolo invertido, se o nega: somos vítimas do jogo universal...

78

Em termos mais simples: um povo que é um tormento para si mesmo é um povo enfermo.

79

Quanto mais necessitados estamos, mais se exacerbam nossos apetites e nossas ilusões. Inclusive percebo algumas relações entre a infelicidade e a megalomania. Aquele que perdeu tudo conserva como último recurso, a esperança da glória ou do escândalo literário. Consente em abandonar tudo, menos o seu **nome**.

80

Não é fácil não ser de nenhum lugar, quando nenhuma condição exterior nos obriga a isso. Inclusive os místicos só alcançam o desapego depois de esforços monstruosos.

81

O literato? Um indiscreto que desvaloriza **(32)** suas misérias, as divulga, as reitera. Toda forma de talento vai acompanhada de uma certa sem-vergonhice.

82

Esvaziado pr sua fecundidade, fantasma que gastou sua sombra, o homem de letras diminui com cada palavra que escreve. Só sua vaidade é inesgotável; se fosse psicológica, teria limites, os do EGO. Mas é cósmica ou demoníaca e o submerge.

Sua “obra” o obseda: alude a ela sem cessar, como se, sobre nosso planeta, não houvesse, além dele, nada que merecesse atenção ou curiosidade. Pobre de quem tenha a leviandade ou o mau gosto de falar com ele de algo que não seja de suas produções! Assim, é lógico pensar que um dia, à saída e um almoço literário, vislumbremos a urgência de uma noite de **São Bartolomeu**² de gente de letras.

83

Escrever livros não deixa de ter alguma relação com o pecado original. Pois, que é um livro senão uma perda de inocência, um ato de agressão, uma repetição de nossa queda? Publicar suas taras para divertir ou para exasperar! Uma barbaridade para com nossa intimidade, uma profanação, uma mancha...

84

Não é fácil destruir um ídolo: requer tanto tempo quanto do que se precisa para promovê-lo e adorá-lo. Pois não basta aniquilar seu símbolo (33) material, o que seria simples, mas também suas raízes na alma.

85

Incapazes de conservar limpas nossas mãos e intactos nossos corações, nós nos manchamos com o contato de suores estranhos, nós nos remexemos sedentos de asco e fervendo de pestilência no lodo unânime. E quando sonhamos mares convertidos em água benta é demasiadamente tarde para mergulharmos neles e nossa corrupção demasiadamente profunda nos impede de afogar-nos ali. O mundo infestou nossa solidão; as marcas dos outros sobre nós são inapagáveis.

86

Quem padece de um mal específico não tem o direito de queixar-se: tem uma ocupação. Os grandes enfermos não se aborrecem jamais: a enfermidade os ocupa, como o remordimento alimenta os grandes culpados.

87

Como, então, não voltar-se para a poesia? Ela tem – como a vida – a desculpa de não provar absolutamente nada.

88

Quando sofremos as confidências de um amigo ou de um desconhecido, a revelação de seus segredos nos enche de assombro. Devemos referir seus tormentos ao drama ou à farsa? Isso depende unicamente das benevolências ou das exasperações de nosso cansaço. (34)

89

A diferença entre a inteligência e a estupidez reside no manejo do adjetivo, cujo uso não diversificado constitui a banalidade. Inclusive Deus só vive pelos adjetivos que lhe adicionam; esta é a razão de ser da teologia. Assim, o homem, qualificando sempre diferentemente a monotonia de sua infelicidade, não se justifica diante do espírito senão pela busca apaixonada do novo adjetivo.

90

Porque transborda vida, o Diabo não tem nenhum altar: o homem se reconhece em demasia nele para que venha a adorá-lo; o detesta com conhecimento de causa; repudia-se e cultiva os tributos indigentes de Deus. Mas o Diabo não se queixa e não aspira a fundar uma religião: não estamos aqui para preservá-lo da inanição e do esquecimento?

91

Se os feriados dominicais fossem prolongados durante meses, que se faria da humanidade, emancipada do suor e livre do peso da primeira maldição? A experiência valeria a pena. É mais que provável que o crime passasse a ser a única diversão, que a licenciosidade parecesse candura, o latido, melodia, e a ironia, temura. A sensação de imensidão do tempo faria de cada segundo um intolerável suplício, um pelotão de execução capital.

92

Os desocupados captam mais coisa e são mais profundos que os atarefados: nenhuma empresa (35) limita seu horizonte; nascido em um eterno domingo, olham e se olham, olhando. A preguiça é um cepticismo fisiológico, a dúvida da carne. Mas não fazem parte da humanidade e, já que o suor não é o seu forte, vivem sem sofrer as conseqüências da Vida e do Pecado. Não fazendo o bem nem o mal, desdenham –

² Matança de 20.000 Huguenotes na França, na noite de 24 de agosto de 1572.

espectadores da epilepsia humana – as semanas do tempo, os esforços que asfixiam a consciência. Que deveriam temer de uma prolongação ilimitada de certas tardes, senão o pesar de haver sustentado evidências grosseiramente elementares.

93

As dores dos outros nos parecem explicáveis e susceptíveis de serem superadas: cremos que sofrem porque não possuem suficiente vontade, valor ou lucidez. Cada sofrimento, salvo o nosso, nos parece legítima ou ridiculamente inteligível; sem o que, o luto seria a única constante na versatilidade de nossos sentimento. Mas não usamos luto mais que por nós mesmos. Se pudéssemos compreender e amar a infinidade de agonias que se arrastam à nossa volta, todas as vidas que são mortes ocultas, necessitaríamos uma quantidade de corações igual ao dos seres que sofrem. E se tivéssemos uma memória milagrosamente atual que guardasse presente a totalidade de nossas penas passadas, sucumbiríamos sob tal carga. A vida só é possível pelas deficiências de nossa imaginação e de nossa memória.

94

A verdadeira loucura não é nunca devido aos azares ou aos desastres do cérebro, mas sim, (37) à concepção falsa do espaço que o coração inventa.

95

Todos os seres são infelizes; mas, quantos o sabem? A consciência de infelicidade é uma enfermidade muito grave para figurar em uma aritmética das agonias ou nos registros do incurável. Rebaixa o prestígio do inferno e converte os matadouros do tempo em paraísos. Que pecado cometeste para nascer, que crime para existir? Tua dor, como teu destino, carece de motivo.

96

Uma alma que não esteja perdida? Onde, onde está para que se levante um atestado, para que a ciência, a santidade e a comédia se apoderem dela!

97

E não é o milagre o que determina nossa tradição e nossa substância, mas sim o vazio de um universo privado de suas chamadas, afogado em suas próprias ausências, objeto exclusivo de nossa

meditação: um universo solitário ante um coração solitário, predestinados, um e outro, a desgarrar-se e a exasperar-se na antítese.

98

Cada homem evolui à expensas de suas profundidades, cada homem é um místico que se recusa: a terra está povoada de graças falidas e de mistérios pisoteados. (38)

99

A obsessão dos remédios marca o fim de uma civilização: a busca de salvação, o fim de uma filosofia.

100

Façamos com que Deus não se instale em nossos pensamentos, guardemos ainda nossas dúvidas, as aparências de equilíbrio e a tentação do destino eminente, pois toda aspiração arbitrária e fantástica é preferível às verdades inflexíveis. Mudamos de remédio ao não encontrar nenhum eficaz nem válido, porque não temos fé no apaziguamento que buscamos nem nos prazeres que perseguimos. Sábio e versáteis, somos os epicuristas e os estóicos das Romas modernas...

101

Se, no momento de nosso nascimento, fôssemos tão conscientes como o somos ao sair da adolescência, é mais do que provável que, aos cinco anos de idade, o suicídio fosse um fenômeno habitual ou, inclusive, uma questão de honra.

102

Se as religiões nos proibiram de morrer por nossa própria mão, é porque viam nisso um exemplo de insubmissão que humilhava os templos e os deuses. Nenhuma Igreja e nenhuma prefeitura inventou, até este momento, um só argumento válido contra o suicídio. A quem não pode suportar a vida, o que se lhe pode responder? Ninguém está à altura de tomar sobre si os fardos de outro. E de que força dispões a dialética contra o assalto das penas irrefutáveis e de (39) mil evidências desconsoladas? O suicídio é uma das características que distinguem o homem, um de seus descobrimentos. Nenhum animal é capaz de realizá-lo e os anjos acabam de adivinhá-lo; sem ele, a realidade humana seria menos curiosa e menos pitoresca: faltaria um clima estranho e uma série de

possibilidades funestas, que possuem seu valor estético, nem que seja apenas para introduzir na tragédia soluções novas e uma variedade de desenlaces.

103

O CAOS? É repudiar o que se aprendeu, é sermos nós mesmos...

104

Tenho tentado suprimir em mim as razões que homens invocam para existir e para atuar. Tenho tentado chegar a ser normal, e eis-me aqui estupefato, o mesmo plano que os idiotas e tão vazios como eles.

105

Foi suficiente para o príncipe hindu ver um inválido, um velho e um morto para compreender tudo; nós, que também os vemos, não compreendemos nada, pois nada muda em nossa vida. Não podemos renunciar à coisa nenhuma; entretanto, as evidências da vaidade estão a nosso alcance. Enfermos de esperança, esperamos sempre; e a vida não é mais que a espera hipostasiada. Esperamos tudo, inclusive o Nada, antes de ser reduzidos a uma suspensão eterna, a uma condição de divindade neutra ou de cadáver. Assim, o coração que construiu um axioma do Irreparável, ainda espera por alguma surpresa. A humanidade (40) vive, amorosamente, as manifestações que a negam...

106

Um esqueleto, esquentando-se ao sol e esperando, seria mais vigoroso que um Hércules desesperado e cansado da luz; um ser, totalmente permeável à Esperança, seria mais poderoso que Deus e mais vivo que a vida. Macbeth, "awearry of the sum", é a última das criaturas, pois a verdadeira morte é a podridão, senão o asco de toda irradiação, a repulsão por tudo o que é germe, por tudo o que floresce sob o calor da ilusão.

107

Todo homem que se apegue ao tempo é um criador.

108

Se todos os que matamos em pensamento desaparecessem de verdade, a terra não teria mais habitantes. Levamos em nós um verdugo reticente, um criminoso irrealizado. E os que não têm a audácia de

confessar suas tendências homicidas, assassinam em sonhos, povoam de cadáveres seus pesadelos. Diante de um tribunal absoluto, apenas os anjos seriam absolvidos.

109

Depois de cada noite, estamos mais vazios: nossos mistérios, como nossos pesares, fluíram em nossos sonhos. Assim, a ação dos sonhos não só diminui a força de nosso pensamento, como também a de nossos segredos... (41)

110

Uma vez que a vida não pode realizar-se a não ser na individualidade – fundamento último da solidão –, cada ser está necessariamente só pelo fato de que é indivíduo.

111

Só somos nós mesmos pela soma de nossos fracassos.

112

Ainda está por nascer quem não adore a si mesmo. Tudo o que vive se aprecia; de outro modo, de onde viria o espanto que faz estragos nas profundidades e nas superfícies da vida? Cada um é, para si, o único ponto fixo no universo. E se alguém morre por uma idéia, é porque é sua idéia, e sua idéia é **sua** vida.

113

Em todo homem, nada é mais existente e verídico do que sua própria vulgaridade, fonte de tudo o que é elementarmente vivo. Mas, por outro lado, quanto mais estabelecido se está na vida, tanto mais desprezível se é.

114

Não encontrarás a paz antes de teres aniquilado em ti o último reflexo de cidadão e os entusiasmos herdados.

115

E, quando no meio de uma sonata, nossos bocejos triunfarem sobre nossa emoção, então (42) não nos querem mais nem os cemitérios, que não acolhem mais que cadáveres recentes, penetrados ainda por um pouco de calor e por uma lembrança de vida.

116

Enquanto o homem está protegido pela demência, atua e prospera; mas quando se livra da tirania fecunda das idéias fixas, se perde e se arruína. Começa a aceitar tudo, a envolver em sua tolerância não apenas os abusos menores, mas também os crimes e as monstruosidades, os vícios e as aberrações: tudo vale o mesmo para ele. Sua indulgência, destruidora de si mesma, se estende ao conjunto dos culpados, às vítimas e aos verdugos; é de todos os partidos, porque comparte de todas as opiniões; gelatinoso, contaminado pelo infinito, perdeu seu “caráter” por falta de um ponto de referência ou de uma obsessão.

117

Quem, depois de ter recebido por um rico, não lamentou não dispor de um oceano de saliva para vertê-la sobre todos os proprietários da terra? E, quem não voltou a engolir seu catarro com medo de lançá-lo à cara de um ladrão respeitado e barrigudo?

118

Somos todos ridiculamente prudentes e tímidos: o cinismo não se aprende na escola. O orgulho também não.

119

As verdades da beleza se nutrem de exageros (43) que, diante de um pouco de análise, se revelam monstruosos e ridículos. A poesia: divagação cosmogônica do vocabulário... Combinaram-se alguma vez mais eficazmente o charlatanismo e o êxtase? A mentira, fonte das lágrimas, está é a imposição do gênio e o segredo da arte, besteiras infladas até o céu; o improvável, gerador de universos!

120

Cada ser é um hino destruído!

121

Só é subversivo o espírito que põe em dúvida a obrigação de existir; todos os outros, começando pelos anarquistas, pactuam com a ordem estabelecida.

122

Quando se chega ao limite do monólogo, aos confins da solidão, se inventa – por falta de um interlocutor – a Deus, pretexto supremo do diálogo. Enquanto pronuncias seu nome tua demência está bem disfarçada e... Tudo te é permitido. O

verdadeiro crente não se distingue do louco: mas sua loucura é legal, admitida. Acabaria em um asilo se suas aberrações estivessem desvinculadas da fé. Mas Deus as cobre, as torna legítimas. O orgulho de um conquistador se torna pálido ao lado da ostentação de um devoto que se dirige ao Criador. Como é possível chegar a tamanho grau de atrevimento? E, como poderia ser a modéstia uma virtude dos templos, quando uma velha decrépita que imagina ter o infinito a seu alcance, se eleva pela oração a um nível de audácia ao qual nenhum tirano chegou a aspirar? (45)

123

Senhor, dai-me a faculdade de não rezar jamais, de livrar-me da insanidade de toda adoração, afasta de mim esta tentação de amor que me entregaria para sempre a Ti. Que o vazio se estenda entre meu coração e os céus! Não desejo ver meus desertos povoados pela tua presença, minhas noites tiranizadas com tua luz, minhas Sibérias fundidas sob teu sol: mais solitário que tu, quero minhas mãos puras, à diferença das tuas que se sujaram para sempre ao modelar a terra e ao meter-se com os assuntos do mundo. Não peço à tua estúpida onipotência mais que respeito à minha solidão e a meus tormentos. Não tenho nada para fazer com tuas palavras e temo a loucura que me faria escutá-la.

124

A função dos olhos não é ver, e sim, chocar; e para ver, realmente, é preciso fechá-los: é a condição do êxtase, da única visão reveladora, no momento em que a percepção se esgota no horror do já visto, do irreparável sabido desde sempre.

125

Há mais suavidade no vício que na virtude, mais humanidade na depravação que no rigorismo. O homem que reina e não acredita em nada, eis aqui o modelo de um paraíso da decadência, de uma soberana solução da história. Foram os oportunistas que, até hoje, salvaram o povo; os heróis o arruinaram. Temos que sentir-nos contemporâneos, não da Revolução de Bonaparte, mas sim de Foché e de Talleyrand. (46)

126

Se o homem inventa físicas novas, não é tanto para chegar a uma explicação válida da natureza como para escapar do

tédio do universo conhecido, habitual, vulgarmente irreduzível ao qual atribui, arbitrariamente, tantas dimensões como adjetivos.

127

É completamente legítimo o momento em que a vida passará de moda, caindo em desuso como a lua ou a tuberculose depois do abuso romântico, e irá coroar o anacronismo dos símbolos despidos e das enfermidades desmascaradas. Voltará a ser ela mesma: uma comédia sem prestígios e uma fatalidade sem brilho.

128

É necessário ter a obnubilação de um crente ou a de um idiota para entregar-se à “realidade”, a qual se desvanece diante da menor dúvida.

129

Aquele que pensa quando quer, não tem nada, absolutamente nada, a nos dizer: está por cima, ou melhor, ao lado de seu pensamento, não é responsável por ele, nem está, em absoluto, comprometido com ele, pois não ganha nem perde nada ao arriscar-se num combate onde ele mesmo é seu inimigo.

130

Minhas verdades são os sofismas, de meu entusiasmo ou de minha tristeza. Existo, sinto e penso ao azar do instante. O tempo me constitui, (47) oponho-me a ele em vão e sou. Meu indesejável presente se desenvolve, envolve-me; como não posso controlá-lo, limito-me a comentá-lo; escravo de meus pensamentos, jogo com eles, como um palhaço da fatalidade...

131

Aquele para quem a existência não constitui um mal, vigoroso e vago ao mesmo tempo, não saberá, jamais, instalar-se no coração dos problemas, nem conhecer os perigos.

132

A vida “interior” é patrimônio dos delicados, desses abortos estremecidos, submetidos a uma epilepsia sem tombos nem baba. O ser biologicamente íntegro desconfia da “profundidade”, é incapaz dela, a vê como uma dimensão suspeita que

destrói a espontaneidade de seus atos.

133

De onde venho, não saberia dizer: nos templos, permaneço sem crenças; nas cidades, sem ardor; junto a meus semelhantes, sem curiosidade; sobre a terra, sem certezas. Dai-me um **desejo** preciso e derrubarei o mundo. Livra-me desta vergonha dos atos que me faz interpretar cada manhã a comédia da ressurreição e cada tarde a do enterro. Sonho em querer e tudo o que quero me parece sem valor. Como um vândalo roído pela melancolia, vago sem fim, eu sem eu, para não sei que lugar... para descobrir um deus abandonado, um deus que fosse, ele mesmo ateu, e dormir à sobra de suas últimas dúvidas e de seus últimos milagres. (48)

134

Nenhuma pessoa **razoável** foi objeto de culto, deixou um nome, marcou com sua marca só acontecimento.

135

A humanidade não adorou ninguém além daqueles que a fizeram perecer.

136

Para denegrir um músico, basta chamá-lo de inteligente. Este atributo o diminui e não tem lugar nesta cosmogonia lânguida onde, como um deus cego, improvisa universos. Se fosse consciente de seu dom, de seu gênio, sucumbiria ao orgulho; mas é irresponsável: nascido no oráculo, não pode compreender-se a si mesmo. Cabe aos estéreis interpretá-lo, ele não é crítico, como Deus não é teólogo.

137

Quem já não tem lágrimas para a música, quem vive apenas da recordação das lágrimas que verteu, este está perdido!

138

Graças ao fato de sermos todos impostores, nos suportamos uns aos outros. Quem não aceitasse mentir, veria a terra ruir sob seus pés: estamos biologicamente atrelados à falsidade. Não existe herói moral que não seja pueril, ou ineficaz ou inautêntico; pois a verdadeira autenticidade é o emporcalhamento na fraude, no decoro da adulação pública e na difamação secreta. Se nossos semelhantes pudessem constatar

nossas (49) opiniões sobre eles, o amor, a amizade, a devoção, seriam para sempre riscados dos dicionários; e se tivéssemos a coragem de olhar cara a cara as dúvidas que concebemos timidamente sobre nós mesmos, nenhum de nós pronunciaria um **eu** sem morrer de vergonha.

139

O importante é mandar: esta é a aspiração de quase todos os homens. Somente os mendigos e os sábios não a experimentam; a não ser que seus jogos sejam ainda mais sutis...

140

Tentai ser livres: morrereis de fome. A sociedade só os tolera servis e déspotas; é uma prisão sem guardas, mas da qual não se escapa ninguém sem perecer. Aonde ir, quando não há lugar para viver além da sociedade, quando já não há lugar para viver além da sociedade, quando já não se possui instintos e quando não se é tão audacioso para mendigar, nem tão equilibrado para entregar-se à sabedoria?

141

O passo do indivíduo anônimo ao indivíduo consciente ainda não foi dado, entretanto, é inevitável.

142

As ideologias foram inventadas para dar um brilho ao fundo de barbárie que se mantém através dos séculos, para cobrir as inclinações assassinas comuns a todos os homens. (50)

143

O preconceito é uma verdade orgânica, falsa em si mesma, mas acumulada pelas gerações e transmitida: não existe maneira de livrar-se dela impunemente.

144

Uma civilização evolui da agricultura ao paradoxo. Entre estes dois extremos desenvolve-se a barbárie das épocas criadoras.

145

O erro dos que captam a decadência é querer combatê-la, quando deveriam fomentá-la: ao desenvolver-se, esgota-se e permite o acesso de outras formas.

146

Que azar não existir um Juízo Final e não termos ocasião para um Grande Desafio! Os crentes: farsantes da eternidade; a fé: necessidade de uma cena atemporal... Mas os incrédulos morremos com nossas condecorações e demasiadamente cansados para deixar-nos enganar pelas pompas prometidas a nossos cadáveres.

147

A Árvore da Vida não conhecerá mais primavera: é um tronco seco; com ela farão ataúdes para nossos ossos, nossos sonhos e nossas dores.

148

Somos os últimos: cansados do futuro, e ainda mais de nós mesmos, esprememos o suco (51) da terra e despimos os céus. Nunca a matéria nem o espírito podem seguir alimentando nosso sonho: este universo está tão seco como nossos corações. Já não existe substância em nenhuma parte: nossos antepassados nos legaram sua alma esfarrapada e sua medula carcomida. A aventura chega ao fim; a consciência expira; nossos cantos se desvanecem, já brilha o sol dos moribundos!

149

Os santos foram grandes perversos, assim como as santas foram magníficas voluptuosas. Tanto aqueles como estas, loucos por uma mesma idéia, transformaram a cruz em vício. A "profundidade" é a dimensão dos que não podem variar seus pensamentos e seus apetites, e que exploram uma mesma região de prazer e de dor.

150

A SAÚDE: arma decisiva contra a religião. Inventai o elixir universal e o céu desaparecerá definitivamente. É inútil seduzir o homem com outros ideais: sempre serão mais débeis do que as enfermidades. Deus é nossa ferrugem, a deterioração insensível de nossa substância. Quando penetra em nós, pensamos elevar-nos, mas baixamos mais e mais; chegamos a nosso fim, coroa nossa decadência, e eis-nos, aqui, "salvos" para sempre. Superstição sinistra, câncer coberto de auréolas que rói a terra pelos séculos...

151

A amargura, princípio de tua determinação, teu modo de atuar e de compreender, é o único ponto fixo em tua

oscilação entre o asco do mundo e a piedade de ti mesmo. (53)

152

Não podendo viver senão além ou aquém da vida, o homem está exposto a duas tentações: a imbecilidade ou a santidade, infra-homem ou super-homem, mas jamais ele mesmo.

153

O universo começa e acaba com cada indivíduo, seja Shakespeare ou o Sr. ninguém; pois cada indivíduo vive o **absoluto** de seu mérito ou de sua nulidade...

154

É necessária uma dose considerável de inconsciência para entregar-se sem reservas a qualquer coisa. Os crentes, os enamorados e os discípulos não percebem mais que o rosto de suas deidades, de seus ídolos, de seus mestres. O fervoroso permanece inelutável na ingenuidade.

155

O pensamento é uma mentira, como o amor ou a fé. Pois as verdades são fraudes e as paixões, odores; e, no fim das contas, a escolha está entre aquele que mente e aquele que fede.

156

Como a direção de nossos pensamentos não é de nossos corações, cultivamos uma inclinação secreta por tudo aquilo que pisoteamos.

157

O PESSIMISMO: essa crueldade dos vencidos (54) que não podem perdoar o mundo por este haver traído suas expectativas.

158

As coletividades só se consolidam sob as tiranias e se desagregam em um regime de clemência; então, em um sobressalto de energia, põem-se a estrangular suas liberdades e adorar... seus carcereiros, plebeus ou coroados...

159

Com que ternura e com que inveja meus pensamentos se voltam para os monges do deserto e para os cínicos!

160

Nietzsche, cuja obra inteira não é mais que um conto à força, arrasta uma existência raquítica e monótona...

161

Em busca de um autêntico solitário, passo revista às épocas e só o que encontro e invejo é o Diabo...

162

O troglodita, que tremia de espanto nas cavernas, treme ainda mais nos arranha-céus!

163

Tão incompetente na vida como na morte, me odeio, e neste ódio sonho com outra vida e com outra morte. E, por haver querido ser um (55) sábio como nunca houve outro, só sou um louco entre os loucos...

164

A abundância de soluções aos aspectos da existência só é igualada por sua futilidade. A HISTÓRIA: Manufatura de idéias..., mitologia lunática..., frenesi de hordas e de solitários, maneira de não aceitar a realidade tal como é, sede mortal de ficções.

165

Sobram, entretanto, as aparências: Por que não alçá-las ao nível de um estilo? Isto é o que permite definir toda época inteligente. Chega-se a conceder mais prestígio à expressão do que à alma que a sustenta, mas à graça que à instituição. Mesmo a emoção se torna cortes. O ser entregue a si mesmo, sem nenhuma preocupação com a elegância, é um monstro; não encontra em si mais que zonas obscuras, onde rondam, eminentes, o terror e a negação. Saber com toda sua vitalidade que devemos morrer e não poder ocultá-lo, é um ato de barbárie. Toda filosofia sincera renega os títulos da civilização cuja função consiste em tamisar nossos segredos e disfarçá-los de efeitos procurados. Assim, a frivolidade é o antídoto mais eficaz contra o mal de ser o que se é: Graças a ela enganamos o mundo e dissimulamos a inconveniência de nossas profundidades. Sem seus artifícios, como não sentir vergonha de ter uma alma? Nossa solidão à flor da pele, que inferno para os outros! Mas é sempre para eles e às vezes para nós

mesmos que inventamos nossas aparências...

166

Daí um fim preciso à vida e ela perde (56) instantaneamente seu atrativo. A inexatidão de seus fins a torna superior à morte; um ápice de precisão a rebaixaria à trivialidade das sepulturas. Pois uma ciência positiva do sentido da vida despovoaria a terra em um dia e nenhum frenético conseguiria reanimar a improbabilidade fecunda do desejo.

167

Não existe iniciação a não ser para o NADA e ao ridículo de estar vivo.

168

O plural implícito do “se” e o plural confessado do “nós” constituem o refúgio confortável de uma existência falsa. Só o poeta assume a responsabilidade do “eu”, só ele fala em seu próprio nome, só ele tem direito de fazê-lo.

169

Voltaremos-nos ao diabo? Mas não saberíamos dirigir-lhe orações: adorá-lo seria rezar introspectivamente, rezar a nós mesmos. Não se ora à evidência: o exato não é objeto de culto. Temos colocado em nosso “doublé” todos os nossos atributos e, para realizá-lo com um semblante de solenidade, o vestimos de preto: nossas vidas e nossas virtudes, de luto. Dotando-o de maldade e de perseverança, nossas qualidades dominantes, nos esgotamos para torná-lo tão vivo quanto seja possível; nossas forças se consumiram na luta para forjar sua imagem, em fazê-la de argila, saltitante, inteligente, irônica e, sobretudo, mesquinha. As reservas de energias com que contávamos para forjar a Deus se deduziam a zero. Então recorreremos à imaginação e ao pouco sangue que ainda nos restava: Deus não poderia (57) ser mais que fruto de nossa anemia: uma imagem cambaleante e raquítica. É bom, suave, sublime, justo. Mas quem de nós se reconhece nesta mistura flagrante de água de rosas relegada na transcendência? Um ser sem “doublé” carece de profundidade e de mistério, não esconde nada. Só a impureza é sinal de realidade.

170

Discernir que o que “tu és” não és tu, que o que tens não é teu, não ser cúmplice

de nada, nem mesmo da própria vida, isto é ver corretamente, isto é descender até a raiz de tudo.

171

Qualificar e dar nomes aos atos é ceder à mania de expressar opiniões; mas, como disse um sábio, as opiniões são “tumores” que destroem a integridade de nossa natureza e a natureza em si.

172

Quem fala em nome dos outros é sempre um impostor.

173

Fora do irremediável, tudo é falso. Falsa essa civilização que quer combatê-lo, falas as verdades com as quis se arma.

174

A negação equivale a um programa, pode ocupar e inclusive coroar a existência mais exigente, sem falar que é lindo negar, sobretudo quando é Deus que o padece: a negação não é (58) vacuidade, uma plenitude inquieta e agressiva.

175

O mal estar que suscita em nós a linguagem não difere em nada daquilo que nos inspira o real; o vazio que vislumbramos no fundo das palavras evoca o que captamos no fundo das coisas: duas percepções, duas experiências nas quais se opera a disjunção entre objetos e símbolos, entre a realidade e os símbolos.

176

Uma mudança total, mesmo que fosse inútil, uma revolução sem fé é tudo o que ainda se pode esperar de uma época em que já ninguém tem o suficiente candor para ser um verdadeiro revolucionário.

177

Não podendo fazer-me digno deles (os tiranos) pela ação e pelo gesto, esperei conseguí-lo através da palavra, pela prática do sofisma e da enormidade. Ser tão odioso com os meios do espírito como o eram eles com os do poder, devastar por meio da palavra, fazer saltar o VERBO e o mundo com ele, estalar tanto com um com o outro e submergir, finalmente, sob suas ruínas.

178

É um consolo a idéia de que não se possui NADA, de que não se é NADA. O consolo supremo reside na vitória sobre essa mesma idéia. (59)

179

É difícil, é impossível crer que o DEUS-BOM, o "PAI", se encontre misturado com o escândalo da criação. Tudo faz pensar que não tomou parte alguma nela, a qual provém de um Deus sem escrúpulos, de um Deus tarado. A bondade não cria: falta-lhe imaginação para tal, e precisa-se de imaginação para fabricar um mundo, por mais ridículo que seja. No fundo, é da mistura entre bondade e maldade de onde pode sair um ato ou uma obra, ou um Universo... A partir do nosso, em qualquer caso, é muito mais fácil remontar-se a um Deus suspeito que um Deus honroso.

180

Não quero fazer nada; é-se mais indulgente com um assassino do que com um espírito liberado dos atos.

181

Símbolos de vida: a crueldade, o fanatismo, a intolerância. Símbolos da decadência: a amenidade, a compreensão, a indulgência.

182

Só se vive por falta de SABER. Desde que se SABE, já não se compactua mais com nada.

183

No apogeu se procriam valores que, no crepúsculo, gastos e desfeitos, são abolidos. Fascinação da decadência, época em que as verdades já não possuem vida... em que se amontoam como esqueletos na alma pensativa e seca, no ossuário dos sonhos. (61)

184

A inteligência floresce apenas nas épocas em que as crenças murcham, em que os artigos e preceitos se relaxam e em que suas regras se flexibilizam. Todo fim de época é o paraíso do espírito, o qual não encontra seu jogo livre e seus caprichos a não se dentro de um organismo em plena dissolução. Quem tem a infelicidade de pertencer a um período de Criação e Fecundidade, sobre suas limitações e sua

marca; escravo de uma visão unilateral, está fechado dentro de um horizonte limitado.

185

No momento, sabemos que a partida dos bárbaros não tardará enquanto se preparam para festejar nossa ruína, meditam sobre os meios para erguer-nos novamente, de colocar um fim em nossas frases e em nossos raciocínios. Ao humilhar-nos, ao pisotear-nos, nos prestarão a energia suficiente para ajudar-nos a morrer ou a renascer.

186

Do desejo nasce nossa ansiedade, como se DESEJAR fosse o sinal de uma carência, de uma falta de ser: quanto mais se é menos se quer....

187

A única função do amor é a de ajudar-nos a suportar essas tardes dominicais, cruéis e incomensuráveis, que nos ferem para o resto da semana e para toda eternidade.

188

Porque é incrível que se possa ser homem... (62) que se disponha de mil caras e de nenhuma, e que se mude de identidade a cada instante sem sair, apesar disso, de nossa infelicidade.

189

Paradoxo trágico da liberdade: os mediócras que são os únicos que fazem possível seu exercício, não sabem garantir sua duração...

190

Neste mundo nada está em seu lugar, começando pelo próprio mundo. Não há que se assombrar então com o espetáculo da injustiça humana. E igualmente inútil repudiar ou aceitar a ordem-social: somos obrigados a sofrer suas mudanças, para melhor ou para pior, com um conformismo desesperado, como sofremos com nascimento, amor, clima ou morte.

191

Nossos conhecimentos, tanto como nossas experiências deveriam paralisar-nos e tornar-nos indulgentes a respeito, inclusive, da tirania, desde o momento em que constitui uma constante. Somos suficientemente clarividentes a ponto de sermos tentados a depor as armas; mas o reflexo da rebeldia

triumfa sobre nossas dúvidas e, mesmo sendo estóicos completos, o ANARQUISTA em nós vigia e se opõe a nossas resignações.

192

Se em algum caso extremo se pode governar sem crimes, é impossível fazê-lo sem injustiças... (63)

193

A sexualidade nos iguala, ou melhor, nos rouba nosso mistério... muito mais que o resto de nossa atividades e empresas, é ela quem nos põe em pé de igualdade com nossos semelhantes; quanto mais a praticamos, mais nos tornamos como todo mundo. É durante uma operação reputada como **bestial** quando experimentamos nossa qualidade de cidadãos. Não existe nada mais público que o ato sexual.

Fontes: *O material publicado neste livro foi extraído basicamente de dois livros de E. M.*

Cioran:

Breviário de Podredumbre. Taurus Ediciones. Madrid: 1977.

La tentación de Existir. Taurus Ediciones. Madrid: 1979

Obras de Cioran Pulicadas em castelhano:

Breviário de Podredumbre. Trad. F. Savater, Ed Taurus.

La tentación de Existir. Trad. F. Savater, Ed Taurus.

El Aciago Demiturgo. Trad. F. Savater, Ed Taurus.

Contra la História. Trad. Esther Sélignson, Ed. Tusquets.

La Caída en el Tiempo. Trad. Esther Sélignson, Ed. Tusquets.

Digitação e edição digital:
Benedito Inácio Silveira